

ENTRE
CHAMAS
&
FLORES

EDITORA
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

ENTRE
CHAMAS
&
FLORES

MARLI SIMÕES FABRIS
ESPÍRITO JEAN PIERRE

Capivari-SP
- 2017 -

© 2017 Marli Simões Fabris

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com a Prefeitura Municipal e outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

2ª edição - dezembro/2017 - de 14.001 a 17.000 exemplares
1ª edição (4 impressões, num total de 14.000 exemplares)

CAPA E PROJETO | André Stenico
REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Pierre, Jean, (Espírito)

Entre chamas e flores / pelo espírito Jean Pierre; [psicografado por]
Marli Simões Fabris - 1ª ed. junho 2000 - Capivari, SP: Editora EME.
232 p.

ISBN 978-85-7353-199-2

1. Romance mediúcnico. 2. Mediunidade. 3. Resgate de vidas passadas.
4. Cura espiritual. I. TÍTULO.

CDD 133.9

CONTATO COM A AUTORA:
entrechamas@gmail.com

Rua Aurora, 274
Vila Tibério
Ribeirão Preto SP
CEP 14050-100



SUMÁRIO

1 - Itália - Infância feliz	7
2 - Brusca mudança	13
3 - Amparo providencial	31
4 - Crise provocando imigração	45
5 - Em terras brasileiras	53
6 - Aflorando a mediunidade de Antônio	59
7 - Dúvidas minando a fonte	69
8 - A dor e sua finalidade benéfica	79
9 - Encontro com o passado	99
10 - O retorno	113
11 - Novo alerta	121
12 - Cumprindo sua missão	149
13 - reencontro de Sara com Antônio	165
14 - Despertar de Antônio	185
15 - Lapações do amor	199
16 - Retomada do serviço	219



1

ITÁLIA – INFÂNCIA FELIZ

A FELICIDADE PARECIA REINAR sobre aquelas pessoas que constituíam o pequeno e pacífico mundo de Antônio, garoto de dez anos.

Francisco, o pai, era proprietário, herdeiro de terras onde cultivava uvas e fabricava vinho. Suas videiras, bem cuidadas, produziam frutos selecionados, que, processados com delicado método de fermentação e rigorosa higiene, resultavam no vinho de aroma e sabor inigualáveis, que podia ser apreciado nas mesas mais requintadas de muitas cidades da Itália.

Herdara as terras, parte da plantação e a técnica quase artesanal, que já não atendia à procura cada vez maior. Desde jovem, trabalhou e economizou, e, aos poucos, conseguiu comprar quase todas as terras que se estendiam até as montanhas, ao redor das que já possuía, plantando onde não se acreditava colher qualquer coisa.

Investiu em técnicas, mudas resistentes e selecionadas e, dispondo-se ao trabalho intensivo, triplicou sua plantação.

Já estava começando a colher nova safra e, em breve, o maquinário que adquirira de velha indústria desativada deveria entrar em funcionamento, procurando suprir o mercado exigente.

Com todo esse investimento, Francisco fazia crescer o patrimônio herdado dos antepassados e concentrava naquele pedaço de chão, tudo que possuía.

Não tinha débitos, mas também não lhe restara dinheiro algum guardado ou investido em outra coisa que não estivesse naquela fazenda.

Lá moravam muitos trabalhadores com suas famílias formando uma grande colônia. Quase todos o amavam e respeitavam, pois eram tratados também com dignidade e respeito.

Nunca foi preguiçoso. Procurava dar o exemplo não se dispensando do trabalho árduo.

Desde criança ajudava o pai e aprendera o segredo de plantar, cuidar, colher e extrair das uvas o vinho de qualidade apreciada na mesa italiana. Era filho único e não possuíam riquezas outras que não estivessem ali. Homem simples, escolhera para esposa alguém com a mesma característica; Adelaide, de cuja união nasceram Antônio, o primogênito, e mais quatro meninas, sendo Jussara a caçula.

A propriedade abrangia um vale e suas colinas ao redor. Era uma região irregular, entrecortada por afluentes do Pó, rio expressivo na península italiana.

As terras, revestidas do verde das videiras, perdiam-se da visão no horizonte, que subia e descia gracioso contornando as colinas dos Apeninos. Mesmo as elevações mais altas eram quase totalmente aproveitadas,

subindo as mudas pelas encostas até onde a inclinação permitia. Embora algumas fossem rochosas, a maioria delas eram revestidas de grossa camada de terra fértil, enriquecidas por restos de lavas vulcânicas, onde o vinhedo se desenvolvia com maior força.

Numa das formações, havia uma cratera. Ali dormia um vulcão de proporções pequenas. Acreditava-se que estivesse extinto, pois não havia notícias sobre erupções que devem ter ocorrido há muitos séculos atrás, sem deixar registros confiáveis. Não havia nele o menor sinal de atividade.

O terreno era todo acidentado, e, olhando-se do lado oposto ao vulcão, passava o rio, que corria mansamente, ora correndo no vale fazendo parte da paisagem, ora desaparecendo atrás dos montes que graciosamente contornava. Mas numa colina em especial havia uma fenda bem larga, por onde o rio passava atravessando-a até sair do outro lado onde a elevação diminuía até chegar ao nível do vale.

O pai de Antônio, crendo poder colher mais, ali onde vivera desde criança, contrariando a opinião da maioria, acreditou naquelas terras, adquirindo-as para fazer parte da fazenda. Com esta expansão, o rio, que passava no limite de sua propriedade, passou a dividi-la ao meio.

Para poder trabalhar do outro lado, ele construiu uma ponte feita de madeira e cabos servindo para encurtar o caminho para os trabalhadores de suas terras. Era um pouco precária, mas segura. Não fosse assim, para ter acesso ao outro lado, teriam que dar a volta por muitos quilômetros encarecendo o custo de sua produção.

No meio desse tapete gigantesco que subia e descia

formando uma paisagem maravilhosa forrada pelas videiras, situava-se o casarão da sede.

Algumas dezenas de metros dali havia um grande lago muito azul rodeado por árvores e vegetação baixa combinadas, que bordavam sua volta dando-lhe a aparência de um rico espelho incrustado no imenso tapete verde voltado para o céu.

Embora antiga, a ampla sede se mantinha bem conservada. Periodicamente reformada, mostrava o bom gosto de seus moradores, exibindo dois andares decorados com simplicidade e muito capricho.

Na parte superior havia vários dormitórios, salas de banho e sacadas graciosas que cercavam as portas substituindo as janelas. O andar térreo abrigava as demais dependências.

A casa toda era rodeada de varandas largas e aconchegantes, decoradas com samambaias verdes e muitos vasos floridos que, deixando cair seus galhos, emprestavam graça e beleza aos olhos dos moradores e visitantes.

Francisco e Adelaide, viviam harmoniosamente, e não perdiam a oportunidade de exemplificar aos filhos os valores morais rígidos com os quais foram criados.

Ela cuidava de todos os detalhes do lar, promovendo ordem e limpeza, e ainda o adornava com sua graça de mulher dedicada e bem-educada. Empréstava-lhe segurança e paz com a compreensão que lhe era costumeira, e quando dispunham de algumas horas de lazer, ela tocava piano, proporcionando-lhes, com tal beleza, o deleite que se estendia aos ouvidos dos que tinham a felicidade de conviver ali.

Dona Cândida, antiga moradora da colônia, ajudava

nos trabalhos caseiros. Desde que as crianças nasceram cuidou delas como babá. Amava-as como se fossem seus próprios filhos e àquela família como se fosse uma extensão da sua. Conhecia os desejos e manias de cada um e mimava-os com seus zelos de mulher simples, bondosa e muito dedicada. Era casada e não tinha filhos. Seu esposo trabalhava no plantio, como empregado da fazenda.

As duas mulheres se entendiam muito bem e em parceria faziam queijos, pães, e outras delícias num forno à lenha que só a cozinha de uma fazenda italiana conhece, satisfazendo as necessidades de todos.

As meninas, irmãs de Antônio, eram mais novas do que ele, formando uma escala cronológica decrescente até a caçula.

Jussara nascera por último e estava com três anos. Falava pouquíssimas palavras, o que preocupava a todos, e tinha apego ao irmão que, por sua vez, também lhe dedicava um carinho especial. Fazia-lhe os gostos, mimando-a exageradamente.

Aproximava-se o final do ano e a alegria habitava naquele lar, onde os corações dos moradores, unidos pelo amor familiar, preparavam-se para a festa natalina.

Os empregados da fazenda eram em grande número e formavam uma comunidade harmoniosa. Havia uma capela na propriedade, onde praticavam atividades religiosas. Nessas ocasiões, usavam o melhor vestuário, oravam e cantavam juntos. Depois promoviam comilanças, usufruindo do vinho que ganhavam para comemorar a data santa.

Era o mês de novembro de 1902. Faltava um mês

para o Natal, mas havia razão para outra festa. Era o aniversário de Antônio. Completaria dez anos e isto merecia uma comemoração especial.

Eram raras as oportunidades de se reunir com os parentes que viviam nas cidades vizinhas, pois embora a distância não fosse tão grande, o caminho que levava à fazenda era tortuoso, a estrada não era plana e buracos enormes se formavam, dificultando a travessia nas conduções precárias da época.

Mas estavam saudosos e especialmente naquele ano, Francisco decidiu fazer uma grande festa. Queria reunir-se à parentela, e passarem alguns dias juntos como se fossem férias merecidas que não tiravam há muitos anos.

Feitos os convites, que foram aceitos com gentilezas, aguardavam a chegada do grande dia.

A casa de Antônio já recebia também a decoração natalina, pois as crianças estavam ansiosas com os preparativos habituais que reuniam a família todas as noites após o jantar, para trabalharem juntos.

Uma grande árvore foi colocada na sala principal. As meninas experimentavam vestidos novos, costurados por Adelaide, e acessórios diversos que as deixariam elegantes, satisfazendo-lhes a vaidade inocente.



2

BRUSCA MUDANÇA

ENFIM CHEGOU O GRANDE dia.

A fazenda transbordava de pessoas entusiasmadas e alegres, e os convidados não poupavam elogios àquele lugar, que mais parecia um oásis de beleza inigualável.

Antônio era simples, como seus pais. Embora tivessem tradições familiares, misturavam-se aos empregados mais antigos, que ali também compareciam como convidados e amigos que eram.

Na verdade, muitas vezes, até preferia a companhia dos serviçais com os quais brincava e trabalhava diariamente, à de seus familiares, talvez por viverem distante e terem pouco contato. Mas tinha enorme prazer em receber a todos para comemorar seu natalício.

A varanda ao redor de toda a casa estava repleta de crianças que corriam de lá para cá com guloseimas nas mãos.

Algumas meninas maiores, adolescentes, agrupavam-se envergonhadas ao lado de toda aquela confusão, lançando olhares furtivos ao menino que trajava seu pri-

meiro terno. Este, envaidecido, fingia não perceber que aqueles risos e insinuações eram dirigidos a ele.

As filhas, desde muito cedo, já eram prometidas em casamento aos seus futuros maridos pelos próprios pais, que faziam disto uma extensão dos negócios, fortalecendo as tradições familiares.

A infância delas era muito curta. Aos dez ou doze anos já deveriam estar começando a se preparar para o casamento, que acontecia normalmente por volta dos doze ou treze anos.

Antônio era um partido cobiçado pelos pais das jovens casadouras, os quais viam no sobrenome que trazia, e no progresso do pai, razão convincente para disputá-lo.

A música tocada para enriquecer o ambiente enchia de ânimo os que gostavam de dançar e, não raro viam-se criancinhas muito pequenas balançarem-se ao som dela.

A noite estava escura e o céu parecia prometer chuva. A lua ficara escondida entre camadas de nuvens espessas, que transformavam tudo fora do clarão das lanternas, em escuridão total. Trovões ao longe pareciam estremecer a terra, mas um cheiro estranho envolvia vez por outra o ambiente gostoso em que festejavam despreocupados.

No meio de toda aquela alegria, ninguém se preocupava com o tempo. As crianças espalhadas por toda a casa, brincavam, enquanto os pais, reunidos em grupos, colocavam os assuntos em dia, animadamente.

Mas o cheiro aumentou e o que antes parecia trovão, embora não se vissem relâmpagos antecedendo-os, provocava preocupação em Francisco, que acostumado ao

clima daquele lugar não encontrava explicação lógica para aquelas estranhas manifestações da natureza.

De repente ouviu-se um estrondo maior que chamou a atenção até das crianças. Tal impacto fez com que todos se calassem de uma só vez. Até os músicos pararam de tocar.

Tão forte e tão perto, que não dava para imaginar o que poderia tê-lo provocado. Parecia vir das montanhas próximas. Mas não se enxergava nada.

As pessoas ali reunidas jamais tinham ouvido algo semelhante. Não podiam suspeitar o que, em realidade, se passava. Mas Francisco, morador daquela região desde o nascimento, não desconhecia as histórias dos antepassados sobre o vulcão. Sempre pensou serem lendas como tantas outras contadas pelos avós e outros membros das gerações passadas, que viveram naquelas terras. Diziam que há muitos séculos atrás havia acontecido uma erupção repentina, violenta, varrendo aquelas paisagens com suas lavas e cinzas. Lembrando-se disso naquele momento, não conseguia pensar em outra força capaz de produzir aquele estrondo.

— Seria possível que estivesse entrando novamente em atividade? — pensava. A resposta veio imediata e precisa. O chão tremeu e novo estrondo se fez ouvir ainda mais forte iluminando o céu com faíscas vermelho-incandescente, como se fossem muitos fogos de artifícios disparados ao mesmo tempo. O pânico instalou-se.

Embora mal pudesse controlar o próprio medo, a responsabilidade mandava que acalmasse a todos, pois era o maior conhecedor daquela região e o único capaz

de orientar com segurança, embora nunca tivesse se preparado para uma situação como aquela.

Os cavalos e outros animais da fazenda, que se abrigavam num estábulo, situado a pouca distância dali, assustados tentavam fugir, forçando o portão que os detinha e que não eram fortes suficientes para contê-los. O barulho que faziam, somava-se ao já existente, apavorando ainda mais.

Não demorou muito, outro estrondo se fez ouvir. Desta vez, muitos estavam olhando para fora procurando descobrir o que se passava, e não restaram dúvidas. Vinha mesmo daquele monte de onde viram subir a chuva luminosa de fragmentos incandescentes soprados com força violenta em direção ao céu.

Milhares de pequenas fagulhas eram lançadas a velocidade incrível. O cheiro forte invadiu o ambiente, e nuvens de fumaça começavam a se formar rapidamente.

Muitas gerações viveram ali sem que notassem o menor sinal de atividade daquela cratera, que forrada por vegetação cobrindo completamente seu topo, confirmava a inexistência de gases, vapores ou qualquer sinal exterior.

Só acreditavam que ali havia um vulcão por causa da sua forma, e dos elementos encontrados de lava vulcânica naquelas terras, mas era certa a crença na sua extinção. Os antepassados cultivaram aquelas terras há séculos! Investiram tudo o que tinham nelas e colheram ali muitas alegrias.

Mas o que fazer agora? Como proteger tanta gente daquela fúria incontrollável? Justamente naquela noite em que havia tantas pessoas reunidas!

Apagando o sopro das fagulhas expelidas, olhando-se para fora das varandas, nada se podia ver senão algumas tochas nas mãos dos colonos, que assustados também e sem saber o que fazer, corriam rumo ao casarão, buscando pôr ordens e socorro naquela situação de emergência.

Estavam todos atônitos, ninguém sabia o que fazer.

O terceiro estrondo fez-se ouvir, e o clarão iluminou novamente toda a fazenda, então, o pânico instalou-se de forma incontrolável entre os convidados, moradores, empregados, mas principalmente entre os animais, que já tinham rompido as cercas e se desesperavam correndo a esmo. Havia um grande número de cavalos, atrelados em suas respectivas charretes ou carruagens, abrigados no estábulo, que serviram de transporte para os convidados. Isso complicou ainda mais a situação, pois eles, apavorados, puseram-se a correr sem rumo, chocando-se contra elas e provocando destruição mais assustadora.

A casa ficava no vale, a menos de cinco quilômetros de distância da montanha vulcânica.

As explosões que levantaram a chuva de brasas, também espalharam fumaça pelo ar. Rapidamente formou-se um círculo de diâmetro assustador, que só pôde ser visto quando o céu ficou iluminado pelas explosões. Era urgente a retirada daquelas pessoas para o mais longe possível.

Olhares aterrorizados atrás das lanternas! Muitos não conseguiam se mexer, enquanto outros procuravam refúgio apavorados. Vozes descontroladas gritavam. Mães apavoradas procuravam por seus filhos. Ninguém sabia exatamente o que fazer, nem para onde ir.

Outras explosões menores se seguiram. O cheiro, já muito forte, tornava-se insuportável enquanto a lava começava a vazar pela borda da cratera descendo pela montanha. Podia-se ver sua cor vermelho-fosforescente, como brasa líquida, a escorrer lentamente.

A escuridão fazia aumentar o pânico. O barulho dos animais correndo junto aos detritos que começavam a cair somados a gritaria, mal se podia ouvir as instruções de Francisco que tentava indicar o melhor e único caminho para se protegerem. As tochas, que fixadas nas paredes promoviam iluminação eficiente, estavam sendo arrancadas pelos que queriam fugir, deixando a casa quase em escuridão total.

Antônio viu o pai e se aproximou dele para ouvir o que dizia, heroicamente tentando manter a calma e instruir a todos, para que se dirigissem para a montanha oposta ao vulcão. Havia ali uma estrada de terra que os levaria à uma ponte que deveriam alcançar e atravessar para o outro lado do rio em segurança da lava, caso atingisse o vale. Repetia isso várias vezes seguidas, para que todos pudessem ouvir. Perguntou sobre a mãe e as irmãs, e o mesmo afirmou que tinham rumado para onde ele indicara, com exceção de Jussara, e que ele deveria também fazer o mesmo. Mas o menino afirmava que tinha visto crianças brincando no andar superior para onde estava indo procurá-las e em seguida desceria, para que juntos pudessem seguir a salvo. Chegando lá sentiu náuseas por causa do cheiro insuportável e pegou uma toalha de uma das mesas enrolando-a ao redor do pescoço cobrindo o nariz e a boca para aliviar o desconforto.

Procurou debaixo das camas, dentro dos baús, onde a irmã costumava entrar quando ficava com medo e insistentemente chamava por ela, mas não encontrou mais ninguém.

Era quase impossível, naquele tumulto, juntar todas as famílias e partirem em segurança. Muitos, ouvindo as instruções, já rumavam para o local indicado arriscando-se em meio aos animais desenfreados que apavoravam, mas não restava alternativa.

Antônio até então se manteve firme, porque ouvia a voz do pai na parte inferior a orientar o pessoal. Mas de repente, não pôde mais ouvi-lo. Só então percebeu que se deteve muito tempo procurando em todos os lugares onde poderia encontrar a irmãzinha escondida. Apavorou-se e desceu correndo. Pareceu-lhe que a casa já estava vazia. Correu numa das varandas e viu, já ao longe, as luzes das tochas que formavam um cordão desordenado, indo já há alguma distância dali.

— Onde estaria seu pai? — pensou. — Será que também tinha ido pensando talvez que ele não ouvira quando disse que iria procurar Jussara?

Tinha que alcançá-los. Estava sozinho ali. Certamente estaria junto aos demais, imaginando que ele estivesse na frente com a mãe, como fora instruído a fazer.

Ouvia um som que se aproximava, como se um incêndio violento queimasse densa floresta e apavorado apressou-se.

Os materiais lançados a grande altura pelas explosões, caíam, agora como chuva. Pareciam fragmentos de pedras que caíam em toda parte. Correu o mais que pôde sem olhar para trás.

Norteou-se pelas luzes que via ao longe. Sua força juvenil e conhecimento da região, ajudaram-no a alcançar os outros, que já estavam muito à sua frente.

Passava por eles, que seguiam apavorados, olhando cada rosto que podia ver sob a luz das tochas que carregavam, na tentativa desesperada de encontrar a família, mas não conseguiu. Muitos ficavam caídos pelo caminho, feridos ou sem forças para continuar. Tinha o impulso de ajudá-los, mas estava assustado demais para parar. Outros seguiam no escuro, guiando-se apenas pelas vozes dos demais, tornando-se impossível reconhecê-los.

Embora o medo e a insegurança quisessem dominá-lo, tentava manter-se calmo, com a certeza de que não os encontrara ainda, porque não havia examinado a todos devidamente, restando, portanto, esperanças.

Antônio e o pai estavam habituados a andar juntos pelas redondezas, que conheciam muito bem. Aprendera como esquivar-se dos perigos em situações embaraçosas. Algumas vezes, o pai o colocara à prova para testar seu aprendizado e se saíra muito bem, recebendo elogios e reconhecimento.

Homem forte e defensor da família, era provável que seu pai, na impossibilidade de juntar a todos, tendo conseguido encontrar a esposa e as filhas pequenas, tê-las-ia levado, na certeza de que o seu filho mais velho, conhecedor da área, embora sua pouca idade, teria chance de se cuidar sozinho naquela emergência. Isso porque ele, em seus dez anos, já se julgava quase um adulto, capaz de fazer prodígios igual aos adultos que mais admirava. Vivia medindo forças com os trabalha-

dores da fazenda, que sempre o deixavam ganhar as disputas para agradá-lo.

Pensando assim, integrou-se aos que fugiam, e os acompanhou deixando para procurar os familiares mais tarde, quando estivessem todos fora de perigo.

Estava muito cansado e suas pernas mal obedeciam ao impulso de continuar. Ouvia-se choro de mulheres e crianças apavoradas, procurando por seus familiares ou amigos, na esperança de ouvir resposta. Olhou para trás e só podia enxergar a incandescência da lava, descendo em direção ao casarão, já atingindo o pé da montanha, no começo da plantação de uvas.

O grupo era pequeno em relação ao número dos que estavam na casa durante a festa. Isso aumentava o desespero. Lembrava de que fora praticamente o último, a deixar a casa. Ao sair não ouvia mais vozes, nem qualquer sinal humano por perto.

Os animais já tinham se dispersado e não os via mais. O grupo chegava próximo à ponte que ligava as duas partes da montanha dividida pela fenda estreita e profunda, onde, lá ao fundo corria o rio que banhava aquelas terras. Aquela garganta representava para eles a salvação.

Seria preciso muita lava para preencher todo o vale e subir em direção ao topo da montanha. Ainda assim, cairia no canal, e isso lhes daria tempo de passar para o outro lado em segurança.

A ponte era estreita e servia para a travessia de trabalhadores habituados ao seu balanço.

Uma mulher que acabara de ver o filho ser pisoteado pelos animais assustados quando atravessavam entre

eles, vinha praticamente arrastada pelo esposo, gritando pelo filho em desespero, causando comoção a todos. Ao passarem pela ponte, ela se soltou, num solavanco, precipitando-se nas profundezas da fenda.

— Não consegui segurá-la — dizia ele, olhando para o precipício, ainda atônito com tudo o que seus sentidos presenciavam.

Outros homens tomaram-lhe a mão e o retiraram do local, onde ele fitava a escuridão, tentando encontrá-la. Amparado entre os demais, andava como se estivesse robotizado, sem dizer uma palavra.

Pingos começaram a cair isolados, e foram se intensificando, até desabar sobre eles uma forte chuva, como bênção salvadora, dissipando um pouco da fumaça, aliviando também o calor insuportável que os envolvia, apesar da época ser de frio intenso.

Do outro lado havia um grande barracão, logo depois da ponte. Um compartimento menor era destinado a guardar as ferramentas, e servir de abrigo para os trabalhadores nas épocas de colheita quando precisavam dobrar os turnos. Ali havia provisões de comida e agasalhos, assim como água, tochas e coisas necessárias à curta permanência com conforto. O outro maior, era usado para acondicionar o produto colhido e tinha muito espaço para acomodar a todos.

Abrigaram-se ali para descansar, muitos já não conseguiam caminhar tal o desgaste pelo susto e a exaustão pela longa caminhada. As pedras pararam de cair e a fumaça um pouco dispersada pela chuva, dava-lhes pequena trégua.

Antônio acendeu algumas tochas e recomeçou a sua

busca, enquanto todos se acomodavam. Olhava um a um, aqueles rostos assustados, ansioso por encontrar os seus entes queridos, até então, desaparecidos.

Mas suas esperanças diminuía a cada passo e não demorou muito para encerrar a procura inútil.

Certo de que não estavam mesmo ali, saiu correndo e gritando tentando alcançar o caminho de volta. Mas, felizmente, tropeçou e caiu, sendo detido pelos que ali se juntavam, e trazido de volta.

Mantiveram-no ali quase aprisionado, sob vigília constante enquanto tentavam convencê-lo de que não adiantaria voltar.

— Veja, filho, — dizia um amigo de seu pai mostrando-lhe a paisagem ao longe, — olhe a lava se derramando rumo ao casarão. Não conseguiria chegar até lá, pois o calor chega muito antes, e a temperatura deve ser altíssima lá perto. Seu pai é um homem experiente, conhece a região como a palma de sua mão. Acalme-se. Pode ser que, ao amanhecer, ele nos encontre visto que nos orientou para seguirmos este caminho. O importante agora é que fiquemos juntos e calmos. Existem pessoas entre nós que estão feridas, outras tantas também perderam seus entes queridos sem esperança de reencontrá-los. Alguns viram morrer parentes sob seus olhos incrédulos. Estes precisam muito mais de nossa ajuda. Você é muito jovem, conhece o melhor caminho para nos guiar. Precisamos de seus conhecimentos. Tente manter-se calmo, poupar suas energias para quando retomarmos a caminhada. Seu pai virá ao nosso encontro e ficará orgulhoso de você.

Antônio ouvia tudo calado e convenceu-se de que

podiam ter razão. Acalmou-se e todos tentavam refazer suas forças para continuar a marcha.

Cada um se entregava à dor de modo diferente. Algumas mulheres iniciaram uma oração, à qual o grupo todo aderiu.

Dona Cândida, entretinha-se em socorrer os feridos, mas não tinha prestado atenção no seu menino querido entre aqueles que ali se juntavam. Quando o viu, percebendo o desespero estampado naquele rostinho que conhecia desde o nascimento, envolveu-o em carinho como há muito não podia fazer, pois ele se tornara um mocinho e não aceitava mais os cuidados maternos que ela sempre lhe dispensara. Mas naquele momento de dor, seu aconchego tinha o efeito de um bálsamo calmante. Antônio, esquecendo-se de todo o treinamento recebido para ser um homem adulto, entregou-se à sua proteção, chorando qual criança perdida até o amanhecer.

Foram horas de aflitiva vigília, ninguém conseguia tirar os olhos daquele espetáculo tenebroso que acontecia à pouca distância.

O vulcão continuava a derramar sua lava rosada, que descia sobre a plantação, percorrendo o caminho direto ao casarão. As explosões pararam e a fumaça diminuíra. Alguns poucos raios de sol começavam a aparecer por entre frestas das nuvens espessas e escurecidas.

Agora podia-se avistar o casarão sendo atingido pelo rio de lava que também chegava ao lago, derramando-se sobre a água fria.

Apoiado nos braços de dona Cândida, que ainda tremia dizendo rezas desordenadas, Antônio levantou-se

para ver o que comentavam e chorou inconsolável vendo a destruição de tudo o que antes lhe servira de lar.

Nunca mais a fazenda voltaria a ser a mesma. Seus sonhos mais caros da infância estavam irremediavelmente destruídos.

Apesar das evidências, não conseguia aceitar a ideia de ter perdido a família. Seu pai era um homem determinado e conhecia aquela região desde o nascimento. Deveria ter usado algum recurso desconhecido para salvar-se com os que não estavam ali. E deveria haver muito mais gente protegida em outro lugar e, em breve, os encontraria. Era nisso que se esforçava por acreditar.

Daquele lado não havia estradas. Estavam no meio da plantação. Deveriam atravessá-la e depois percorrer longa distância dentro de uma mata fechada, cheia de dificuldades e perigos.

O grupo compunha-se de homens, muitos idosos, além de mulheres, e algumas crianças que não conseguiriam andar toda aquela extensão. Combinaram então em revezarem-se para carregar os menores e apoiar os feridos.

Alguns protestaram, pois não tinham ainda sentimentos fraternos nem solidários, mas felizmente a marcha se iniciou e acabaram colaborando.

Antônio fez um balanço do número de pessoas do seu grupo e pôde avaliar que muitos não estavam ali. Esforçava-se por acreditar que deveriam estar em algum lugar seguro.

Poderiam ter usado os animais – pensava – estes conheciam o caminho e enxergavam melhor que os humanos durante a noite. Talvez tivessem chegado à cidade.

Mas eles estavam tão apavorados que seria praticamente impossível utilizá-los. E não acreditava que seu pai iria para tão longe deixando-o para trás.

Caminhava tentando mudar os pensamentos para afastar a tristeza e o cansaço que sentia.

Depois de muitas horas de ferrenha luta, unidos, ajudando-se mutuamente ganharam o outro lado da elevação e começaram a descida, pela mata.

Ainda pararam mais uma vez para descansar e comer algumas provisões que trouxeram do abrigo, antes de rumarem para a estrada que levava à cidade. As crianças choravam e as mulheres tentavam acalmá-las.

Logo que ganharam a estrada, ainda tiveram que caminhar muito, antes de serem socorridos. Grupos de resgate vindos das cidades vizinhas, atraídos pelas explosões que puderam ser vistas e ouvidas a longa distância vieram em busca de sobreviventes.

A cidade mais próxima, distava, por aquele caminho, a muitos quilômetros da fazenda, em estradas ruins, mas não lhes restava alternativa.

Havia uma cadeia de montes com sulcos profundos separando-os agora do monte vulcânico. Quando se sentiram a salvos, a dor invadiu a alma de Antônio e de todos os que não estavam com seus entes queridos! O desespero instalou-se de forma generalizada.

É difícil descrever a dor da separação de pessoas que amamos...

O coração de Antônio parecia mergulhar num mar de tristeza onde se afogava a cada pequena recordação.

Quanto mais se distanciavam do local, a alegria de estarem a salvo se misturava à tristeza profunda de per-

da, da qual não conseguiam se desvencilhar. Risos e vozes vinham à lembrança de Antônio, e cenas alegres dos seres únicos que lhe enriqueceram a existência, traziam-lhe uma dor pungente, que ainda não sabia expressar.

Por fim chegaram ao povoado mais próximo.

Abrigado, com dona Cândida, em casas de pessoas que se solidarizaram com eles por ocasião da tragédia, Antônio foi se desligando de tudo, até entrar em estado de ausência total do ambiente em que se encontrava.

Ele chorava, chorava... e foi só o que fez por muito tempo, recusando-se a comer, beber.

Sentia-se só. Tão só e desamparado. Não conseguia administrar a dor. Tal foi a profundidade do trauma que ele deixou até mesmo de satisfazer as necessidades básicas de higiene.

Dona Cândida colocou-se ao seu lado com o maior carinho possível e tentou suprir-lhe as perdas da melhor forma que conseguiu, mas não foi suficiente.

Nem a presença de alguns parentes pôde fazer com que ele emitisse um som sequer. Parecia que seus lábios nunca tinham pronunciado palavra alguma, tal era sua mudez. Seus sentidos pareciam todos bloqueados pela dor, pois não reagia a estímulo algum.

Os olhos perdidos em um ponto qualquer davam a impressão de que seu espírito vagava por alguma paisagem distante daquela realidade.

Recusava alimento e água, tendo que ser nutrido pela bondosa babá, que lhe introduzia os alimentos em forma líquida pela boca massageando a região da garganta pronunciando palavras de estímulo até que engolisse.

Arranjaram um médico para consultá-lo, mas ne-

nhuma enfermidade física foi detectada. Sua desnutrição trazia preocupação àquela mulher que lutava pela vida daquele corpo frágil.

Assim passaram-se algumas semanas e, só não desencarnou pelos cuidados desvelados de dona Cândida, e de pessoas colaborando com componentes nutritivos, que passaram a ser seu cardápio constante.

Ao entrar na terceira semana após a tragédia, o vulcão ainda continuava em atividade, mas agora parecia mais calmo e apenas expelia o excesso de lava, que já descia muito grossa, formando nova montanha de matéria aquecida ao seu redor mudando totalmente a paisagem.

Com seu trabalho incansável, Francisco, o pai de Antônio, havia feito progredir tudo que lhe fora confiado, só não havia contado com a volta em atividade do vulcão.

Não tiveram mais notícias de sobreviventes. Também os corpos dos que pereceram, sepultados sob as grossas camadas de lavas, jamais puderam ser encontrados ou identificados.

A fortuna da família de Antônio, empregada em terras, plantação, equipamentos e estoque perdera-se totalmente. A riqueza nascera da fórmula do vinho que fabricavam e do trabalho ao qual se dedicavam. Não tinha dinheiro e tudo o que possuía estava na fazenda, destruída irremediavelmente. Só restavam cinzas, nada mais.

Dona Cândida, quando só com seus pensamentos, perguntava-se:

— Por que o homem desafiava a natureza daquela forma? Sabiam que havia a hipótese, mesmo remota, de

um dia o vulcão voltar às atividades. Havia outros montes com crateras em suas cúpulas naquela região, mas só alguns, mais recentes, impunham respeito pela frequência com a qual derramavam sua ira. Também agora, de que adiantava pensar assim ou lamentar?

Chorava pelo seu esposo, que perecera com os outros naquela noite. Na hora das explosões, ele não estava em casa.

Nos dias de comemorações, muitos empregados eram requisitados para prestar serviço como auxiliar geral. Depois da festança, a comida e bebida restante era distribuída e ganhavam folga no dia seguinte, o que lhes propiciava oportunidade de descansar, comer e beber à vontade.

Havia dezenas de pessoas desaparecidas entre empregados da fazenda, convidados que participavam da festa, moradores da colônia e alguns habitantes das redondezas.

O que teria acontecido com eles, enquanto os outros fugiram? O que os teria impedido de se salvar também?

Muitas vezes, parecia ouvir a voz de algum deles. O coração se exaltava de esperança e alegria, mas logo em seguida, o terrível engano e a sombra da morte, voltavam a nublar seus olhos cansados.

Recordava Adelaide com sua doçura, que a transformara de patroa em irmã querida, e da qual jamais poderia se esquecer. As meninas ruidosas e alegres a correr pela casa, e Francisco, sério e bondoso como ninguém. Ela viera para aqueles sítios ainda muito jovem, conhecera a união daquelas almas amigas e participara de todo o desenrolar de suas vidas. Como aprendiz da-

queles espíritos que pareciam deter o conhecimento de verdades sublimes, a paciência e a compreensão que só possuem as almas elevadas, não tinha momentos tristes para recordar. Uma dor imensa invadia seu ser carente. E as lágrimas eram a única forma de protesto que sabia produzir.

A maioria dos sobreviventes eram convidados da festa, parentes e amigos da família e tinham seus lares seguros nas cidades em redor. Tinham para onde retornar. Mas Antônio, não tinha para onde ir.

Todos os que não apareceram até aquela semana, foram considerados mortos. Antônio foi dado como órfão. Sem documentos, dinheiro, roupas ou qualquer vínculo com o passado.

Como estivesse em estado quase vegetativo, ninguém se opôs que ele ficasse sob os cuidados de dona Cândida, abrigados nas casas de parentes que se revezavam para fugir à responsabilidade de assumir definitivamente sua guarda.

Passavam-no de uma casa para outra, como pesado fardo do qual todos desejavam se livrar.

Outros só aceitaram a incumbência porque a babá permanecera ao seu lado, cuidando dele como se fosse seu filho, realizando todo o trabalho mais pesado e difícil.